

Quando o apoio deixa de ser discurso

written by Raven Santos | 2 de Fevereiro, 2026



Em momentos em que o tempo deixa de ser fundo e passa a ser pressão, a margem desaparece. A urgência nasce quando o intervalo se fecha e pensar rápido deixa de ser escolha. Vivo um desses momentos. Emergência não no sentido espetacular, mas no mais literal: o chão que sustentava começa a recuar, os apoios rareiam, o que parecia garantido torna-se instável. Isso muda tudo.

O curioso é que isto não traz medo. O medo pára, defende, protege. Aqui, parar deixa de ser opção. O que surge é receio: leitura antecipada, prudência, ajuste fino. O corpo responde, o coração acelera, a atenção afina. Há orientação sem alarme. A urgência obriga-me a pensar rápido. A emergência obriga-me a existir. Emergência é condição crítica e verbo ao mesmo tempo. Algo sai do regime habitual e, ao fazê-lo, obriga a emergir.

Quando o medo deixa de ser funcional, outra coisa ocupa o seu lugar. Não força, nem heroísmo. Resiliência como capacidade de manter forma quando o contexto perde estrutura. Decidir sem ódio. Agir sem dramatização. Continuar sem negar a gravidade. Em tempos como estes, a resiliência deixa de ser virtude individual e passa a ser condição mínima de continuidade.

Trabalhei em inclusão. Organizei, mediei, sustentei processos onde outros puderam entrar. Hoje, falho em conseguir incluir-me. Quando o apoio deixa de ser discurso e passa a ser responsabilidade, o chão recua. Não há conflito aberto. Há ausência. Como escreveu Hannah Arendt, “o mundo comum não se desfaz pelo conflito, mas quando ninguém assume a responsabilidade de o sustentar”. Quem tinha função de sustentar dissolve-se em posições, em ruído, em ódios laterais que ocupam espaço e evitam resposta.

Talvez o medo esteja aí. Não em quem emerge, mas em quem receia a emergência do outro. Estas coisas acontecem sem medo. Mas não se resolvem sozinhas. Exigem presença partilhada.